

Relato de experiência

# ACESSIBILIDADE E TECNOLOGIA - A AUDIODESCRIÇÃO NO CONTEXTO ÁGIL DE UM TIME DE DESENVOLVEDORES DE SOFTWARES: relato de caso de pesquisa-ação na inclusão de uma pessoa cega

PURL: <https://purl.org/27363/v3n2a12>Luciane Maria Molina Barbosa <sup>a\*</sup>*<sup>a</sup> Universidade de São Paulo - USP, Taubaté, São Paulo, Brasil.*

---

## Resumo

Trata-se de um relato de experiência a partir de uma situação formativa que envolve a chegada (contratação) de uma analista de desenvolvimento de softwares, em um time de tecnologia numa rede bancária, sendo ela uma pessoa cega. Tem como objetivo relatar um caso de uma pesquisa-ação na inclusão de uma pessoa cega, propondo uma palestra, como pesquisa participante, intitulada “A Audiodescrição e a Tecnologia: acessibilizando as relações no contexto ágil”. Na perspectiva da pesquisa-ação, a autora relata passo a passo, com fundamentação teórica sobre deficiência e audiodescrição, como elaborou a palestra. Estiveram presentes 13 participantes da faixa etária de 22 a 55 anos, todos integrantes do time, com papéis diferentes, tais como desenvolvedores de softwares e mobile, designer, gestores, testers funcionais e de acessibilidade. Os resultados revelaram que a formação foi fundamental no estabelecimento de uma comunicação sem barreiras e que todo o time se engajou para realizar as audiodescrições junto às imagens circuladas nos ambientes remotos de troca de mensagens, nas reuniões e apresentações internas, estendendo-se o comportamento para além do ambiente organizacional.

Palavras-chave: Acessibilidade Digital; Audiodescrição; Desenvolvimento de Software; Inclusão.

---

## ACCESSIBILITY AND TECHNOLOGY - AUDIO DESCRIPTION IN THE AGIL CONTEXT OF A TEAM OF SOFTWARE DEVELOPERS: case report of action research on the inclusion of a blind person

---

## Abstract

This work is assumed in the context of an experience report from a training situation that involves the arrival of a software development analyst, in a technology team in a banking network, being a blind person. It aims to report a case of an action research on the inclusion of a blind person, proposing a lecture, as a participant research, entitled “Audiodescription and Technology: making relationships accessible in an agile context”. From the perspective of action research, the author reports step by step, with theoretical foundations on disability and audio description, how she elaborated the lecture. There were 13 participants aged between 22 and 55 years old, all members of the team, with different roles, such as software and mobile developers, designers, managers, functional and accessibility testers. The results revealed that the training was fundamental in the establishment of communication without barriers and that the entire team was engaged to carry out the audio descriptions together with the images circulated in the remote environments of exchange of messages, in the meetings and internal presentations, extending the behavior to beyond the organizational environment.

Keywords: Digital Accessibility; Audio description; Software development; Inclusion.

---

## ACCESIBILIDAD Y TECNOLOGÍA - AUDIODESCRIPCIÓN EN EL CONTEXTO ÁGIL DE UN

---

\* Autor para correspondência: [lucianemolina@usp.br](mailto:lucianemolina@usp.br)

## EQUIPO DE DESARROLLADORES DE SOFTWARE: reporte de caso de investigación acción sobre la inclusión de una persona ciega

---

### Resumen

Este trabajo se asume en el contexto de un relato de experiencia de una situación de formación que involucra la llegada de un analista de desarrollo de software, en un equipo de tecnología en una red bancaria, siendo una persona ciega. Tiene como objetivo relatar un caso de una investigación-acción sobre la inclusión de una persona ciega, proponiendo una conferencia, como investigación participante, titulada "Audiodescripción y Tecnología: haciendo accesibles las relaciones en un contexto ágil". Desde la perspectiva de la investigación-acción, la autora relata paso a paso, con fundamentos teóricos sobre discapacidad y audiodescripción, cómo elaboró la conferencia. Participaron 13 participantes con edades comprendidas entre los 22 y los 55 años, todos miembros del equipo, con diferentes roles, como desarrolladores de software y móviles, diseñadores, gerentes, probadores funcionales y de accesibilidad. Los resultados revelaron que la capacitación fue fundamental en el establecimiento de una comunicación sin barreras y que todo el equipo se comprometió a realizar las audiodescripciones junto con las imágenes circuladas en los ambientes remotos de intercambio de mensajes, en las reuniones y presentaciones internas, ampliando el comportamiento más allá del entorno organizacional.

Palabras clave: Accesibilidad Digital; Descripción de audio; Desarrollo de software; Inclusión.

---

### 1. Introdução

Ao abordar o conceito de acessibilidade na comunicação para pessoas com deficiência visual, para a ação participativa deste relato, será necessário recordar o avanço que o Brasil teve ao ratificar a Convenção dos Direitos das Pessoas com Deficiência (ONU, 2006), que como uma emenda constitucional (BRASIL, 2009) valorizou os esforços da sociedade civil pela inclusão.

A Convenção da Organização das Nações Unidas (ONU) trata a acessibilidade como uma ferramenta para que as pessoas com deficiência atinjam sua autonomia em todos os aspectos da vida, inclusive no trabalho, como um dos recortes. Isso demonstra uma visão atualizada das especificidades e necessidades dessas pessoas, que buscam participar dos meios comuns que a sociedade em geral utiliza. Nesse sentido, a acessibilidade não se reduz apenas ao meio físico ou estruturas.

Então, para se promover a acessibilidade na comunicação é preciso compreender, no que diz a Lei Brasileira de Inclusão, que a comunicação abrange as línguas, a visualização de textos, o Braille, a comunicação tátil, os caracteres ampliados, os dispositivos de multimídia acessível, assim como a linguagem simples, escrita e oral, os sistemas auditivos e os meios de voz digitalizada e os modos, meios e formatos aumentativos e alternativos de comunicação, inclusive a tecnologia da informação e comunicação acessíveis. (Brasil, 2015). Sendo assim uma das alternativas comunicacionais acessíveis é a audiodescrição (AD).

O recurso da audiodescrição vem para facilitar o acesso de conteúdos audiovisuais (filmes, teatro, palestras e eventos) ou imagens estáticas (fotografias, gráficos, planilhas, museu, obras de arte) para pessoas com deficiência visual, conforme os estudos de Machado (2010), Santana (2010) e Motta (2016) que confirmam que a audiodescrição pode ser utilizada de maneiras diferentes no dia a dia, a depender do contexto.

Portanto se atualmente os contextos formativos em que se insere a audiodescrição são os mais diversos possíveis, num movimento que se alarga para além dos muros do teatro, do cinema e das escolas, no campo da Comunicação, a audiodescrição tem a finalidade de transformar uma mensagem transmitida pelo emissor de forma visual, de modo que faça o mesmo sentido para o receptor que a recebe de forma audível.

Dessa forma, a presença da audiodescrição é cada vez mais forte e está espalhada pelas redes sociais, sites

corporativos, apresentações, reuniões, lives e aulas.

Este relato justifica-se na proposta formativa que envolve a chegada de uma analista de desenvolvimento de softwares, em um time de tecnologia numa rede bancária, sendo ela uma pessoa cega. Segundo a equipe, toda visualidade presente no espaço corporativo virtual, provoca a otimização do fluxo de trabalho, aumento da produtividade de seu time e maior satisfação do cliente. Esses pontos são possíveis porque o time trabalha sob a perspectiva da metodologia ágil, que é um conjunto de práticas e técnicas que tornam a finalização de projetos de tecnologia mais dinâmica. E, nessa perspectiva, de que forma a desenvolvedora cega também poderia ser inserida e pertencer ao time por meio da oferta de audiodescrição junto às imagens circuladas entre os seus membros?

Assim, esse trabalho tem como objetivo relatar um caso de uma pesquisa-ação na inclusão de uma pessoa cega, propondo uma palestra, como pesquisa participante, intitulada “A Audiodescrição e a Tecnologia: acessibilizando as relações no contexto ágil”. Na perspectiva da pesquisa-ação, a autora descreve qual o percurso para inserir a temática da acessibilidade na comunicação, tendo em vista que todos os diálogos estabelecidos no ambiente corporativo de forma remota eram acompanhados por prints de telas, gráficos, planilhas e tabelas.

## 2. Fundamentação Teórica

Na falta da visão, as imagens mentais são construídas por meio de outras pistas, que vão do tato a audição. Tratamos aqui da sensorialidade requerida para a apreciação e fruição de um contexto visuocêntrico por meio da descrição de imagens. Assim, é possível afirmar, segundo Mianes (2016,) que, desde que existem pessoas cegas no mundo, também existiu a audiodescrição, mesmo que essa denominação formal não fosse conhecida. Muitas pessoas ou familiares que acompanhavam essas pessoas, comentavam sobre os lugares e como eram os ambientes, quais objetos estavam por perto, as cores e demais informações.

Aqui no Brasil, a década de 1990 marcou uma abertura significativa e o reconhecimento de direitos antes negligenciados para a inclusão de pessoas com deficiência. Coincide nessa década o surgimento de um dos recursos com maior potencial de desenvolvimento, crescimento e abrangência nos âmbitos cultural e educacional, sendo este recurso a audiodescrição. Assim, dizemos que a audiodescrição é um gênero tradutório, que transfere imagens da dimensão visual, por meio de informação verbal e sonora, ampliando, desta forma, o entendimento e provendo o acesso à informação e à cultura (MOTTA, 2016).

Sobre as pessoas com deficiência visual o autor Vygotsky (2011) que, a cegueira não deve ser considerada como uma característica incapacitante. A Declaração dos Direitos das Pessoas com Deficiência (ONU, 2006) demonstra que as barreiras que impedem ou dificultam a participação dessas pessoas requerem uma análise mais sob o ponto de vista do ambiente, contrapondo o conceito da medicalização. Um dos recortes desta Convenção é de que a questão da deficiência não deve ser centrada na “falta”, mas nas formas específicas de interação, fruição e aprendizagem de cada um.

Conforme Vygotsky (2011, p. 868) as pessoas cegas desenvolvem sua função cultural, mas é garantida por um aparato psicofisiológico completamente diferente do nosso. [...] Dessa forma, o autor sugere que se considere não apenas as características negativas de uma pessoa com deficiência, não só suas faltas, mas também um retrato positivo de sua personalidade, o qual apresenta um quadro dos complexos caminhos indiretos do desenvolvimento. Ademais, Vygotsky (2007) argumentou que “o ouvido e o olho humanos não são simplesmente órgãos físicos, mas órgãos sociais; porque entre uma pessoa e o mundo existe também a esfera social, que refrata e dirige à sua maneira tudo o que emerge de uma pessoa para o

mundo e do mundo para uma pessoa". (VYGOTSKY, 2011).

Afinal, ainda na linha dos estudos de Vygotsky (2011) também é possível afirmar que os caminhos alternativos de desenvolvimento são acionados quando o caminho natural estiver impedido. E a audiodescrição é um desses caminhos alternativos de desenvolvimento, de apropriação e de participação social, educacional, laboral e cultural das pessoas com cegueira na sociedade. Pois, a audiodescrição funciona como um letramento imagético e cultural, alargando e ressignificando repertórios estéticos, semânticos, imaginativos e conceituais.

Conceitualmente, tem-se que a técnica tradutória da audiodescrição, recurso de incontestável relevância para inclusão da pessoa com deficiência visual é um gênero textual, cujas diretrizes incluem procedimentos desde a sua produção até a oferta do serviço ao público espectador. Lima (2010) confirma que "essas diretrizes versam a respeito de como lidar com o público com deficiência visual, do atendimento a ele devido; da atenção para com suas necessidades de pessoa com deficiência; do respeito à idiosincrasia de cada um dos clientes etc." (Lima et. al, 2010).

Para isso, a audiodescrição também recorre ao conceito de tecnologia Assistiva (TA), que engloba estratégias, práticas e serviços que objetivam promover a funcionalidade relacionada à atividade e participação de pessoas com deficiência, visando sua autonomia, independência, qualidade de vida e inclusão social (CORDE, 2006). Em resumo, a AD implica no empoderamento, em dar condições de igualdade e oportunidade de acesso ao mundo das imagens.

Recomenda-se que a ação tradutória deve sempre ser realizada por uma equipe especializada. Segundo Mianes (2015) e Motta (2016) audiodescritor é o profissional habilitado que realiza um estudo prévio e minucioso da obra para elaborar um roteiro. Nessa construção, há previsões de inserções descritivas que deverão se encaixar, procurando manter o maior nível de fidelidade entre o que está numa linguagem e o que é veiculado utilizando-se de outra, sendo mais importante preservar a integridade da mensagem do que fazer uma correspondência literalizante palavra por palavra, elemento por elemento.

Entretanto, Motta (2016), em sua obra Audiodescrição na escola: abrindo caminhos para a leitura de mundo, defende que a audiodescrição no contexto escolar é uma ferramenta pedagógica da qual o próprio professor deve se apropriar, compondo uma mediação, mesmo não sendo um profissional audiodescritor. Nessa premissa, este relato também empresta esse entendimento, incorporando ao ambiente corporativo, cuja presença de profissionais com deficiência desperte em toda a equipe a necessidade de tornar-se mediadores desse acesso ao conhecimento imagético.

Mianes e Motta (2016) ainda afirmam que toda audiodescrição deve servir ao público prioritário a que se destina e o papel do consultor em audiodescrição torna-se essencial na figura de quem representa esse público espectador. O consultor é sempre uma pessoa com deficiência visual formada para exercer essa ocupação. Ela vai analisar as escolhas tradutórias, questionar lacunas ou excessos e validar o roteiro conforme as boas práticas e diretrizes da audiodescrição. Mas ainda temos também o revisor de imagem/gramática e o narrador, que executam suas funções para aprimorar e entregar um resultado de qualidade.

Também visando a participação, inclusão e pertencimento das pessoas com deficiência visual, a importância e urgência deste recurso pode ser concebido, além do justificado acima, pela presença do tema na legislação brasileira dedicada a acessibilidade e inclusão. Assim, o caminho para que o país se torne mais acessível passa pela lei.

Como a audiodescrição é uma área da tradução visual, não basta que se descreva algo para chamar essa descrição de audiodescrição, é essencial que se conheça a fonte imagética, se estude o evento visual, que se pesquise o assunto que o origina e que se conheça a forma de processamento da informação. Logo, o que determina uma audiodescrição não é a forma em que ela é veiculada, transmitida ou produzida, mas sua característica peculiar, distinta de uma simples descrição que todo mundo faz há centenas de anos para as pessoas com deficiência visual.

### 3. Metodologia e Resultados

Este relato se insere nos pressupostos da pesquisa-ação, que de acordo com Thiollent (1998) e Tripp (2005), é uma pesquisa participante, pelo fato de dialogar a pesquisa com a ação, supondo que sua função será a transformação de realidades, neste caso, considerando a virtualização das relações sociais implicadas a partir do isolamento social determinado pela pandemia de COVID-19 e a presença de uma desenvolvedora cega em um time dentro de um ambiente corporativo firmado por metodologias ágeis.

No campo formativo, este tipo de pesquisa é bastante enfatizado, pois os sujeitos, ao pesquisarem suas próprias práticas, inserem-se num espaço comum, apropriando-se dele para produzirem um conhecimento capaz de ressignificar as práticas determinantes nas realidades onde atuam ou convivem (TRIPP, 2005). Tanto pesquisador como pesquisados estão diretamente envolvidos numa perspectiva de mudança, neste caso determinada pela perspectiva inclusiva, de participação e pertencimento comunicacional entre pessoas com e sem deficiência, aqui contextualizado em uma equipe de trabalho no espaço virtual. De acordo com Thiollent (2005):

Pesquisa-ação é um tipo de pesquisa social com base empírica que é concebida e realizada em estreita associação com uma ação ou com a resolução de um problema coletivo e no qual os pesquisadores e os participantes representativos da situação ou problema estão envolvidos de modo cooperativo ou participativo (p. 16).

Ainda de acordo com o autor, o que qualifica uma pesquisa como sendo “pesquisa-ação” é a presença efetiva de uma ação por parte das pessoas ou grupos envolvidos no problema proposto como alvo de intervenção. Nesse tipo de pesquisa, os pesquisadores desempenham um papel ativo na resolução dos problemas identificados, no acompanhamento e na avaliação das ações desenvolvidas para sua realização.

Para este relato, a proposta centrou-se na preparação de uma palestra sobre audiodescrição, ministrada no ambiente remoto, em tempo determinado e específico para processos formativos dentro de uma equipe de desenvolvimento de software que trabalha na perspectiva da agilidade. A elaboração do momento formativo contou com a seleção de materiais teóricos apresentando os conceitos sobre audiodescrição a partir da premissa de Confúcio, de que "Uma imagem vale mais do que mil palavras.", absorvendo teorias de composição imagética de Motta (2010, 2016) para buscar relevância interpretativa aos diferentes contextos: charge, meme, história em quadrinho, gráficos, tabelas, figura humana, tirinha, obras de arte, logomarcas, slides, cartazes de divulgação de eventos, entre outros.

Na sequência, os dois dias que antecederam a apresentação foram destinados à elaboração do material, aqui determinado por uma apresentação em power point. Tendo em vista que os recursos gráficos da apresentação requerem ajustes de formatação e inserção de figuras, essa etapa contou com o auxílio de uma pessoa externa, sem deficiência visual, para apoiar a palestrante cega na estilização das telas e na inserção da audiodescrição das figuras apresentadas como exemplos e atividades na dinâmica participativa.

Uma terceira pessoa, roteirista em audiodescrição, também foi colaboradora dessa ação nesses dois dias que antecederam o evento. Ela elaborou o roteiro de audiodescrição das 8 imagens ilustrativas dos textos, 4 imagens da dinâmica participativa e 8 imagens temática retiradas de redes sociais da empresa, como cartaz de divulgação de evento, logomarca e

ícones dos aplicativos desenvolvidos pela equipe. Esses roteiros passaram pela consultoria da palestrante cega que é também membro da equipe de desenvolvedores de software da instituição financeira, onde a palestra foi ministrada de forma remota, tendo conhecimento sobre as identidades imagéticas dos símbolos que apresentam aquele produto e seus propósitos para o cliente.

O material final contou com 43 slides, entre teorias, dinâmica e exemplos práticos de elaboração de roteiros de audiodescrição de figuras estáticas relacionadas à temática da instituição financeira. Algumas dessas figuras seguem como apêndice deste relato para apreciação.

Como descrito anteriormente, essa ação formativa faz parte da "quarta da Especialidade", uma agenda recorrente dentro do time, que tem duração que varia de uma a três horas. Em 05 de janeiro a palestra teve início pontualmente às 10:00 da manhã e foi apresentada remotamente por um aplicativo de videoconferência corporativo. Estiveram presentes 13 participantes da faixa etária de 22 a 55 anos, todos integrantes do time, com papéis diferentes, tais como desenvolvedores de softwares e mobile, designer, gestores, testers funcionais e de acessibilidade. Após a saudação inicial, foi reservado alguns minutos para que cada um se audiodescrevesse, inclusive a própria palestrante cega, que abriu os trabalhos naquela manhã.

Os slides foram projetados pelo compartilhamento de tela do próprio aplicativo de videoconferência, ressaltando a acessibilidade tecnológica na transmissão. Foram apresentados conceitos básicos sobre audiodescrição e seus contextos de aplicação, para quem se destina a audiodescrição, quais são os profissionais, histórico e algumas das suas diretrizes. Todo contexto técnico foi entremeado com a experiência da palestrante, que é uma pessoa cega e também é consultora em audiodescrição, exercendo essa atividade profissional externa à esta corporação do ramo financeiro.

Veza ou outra alguma mão era levantada, no próprio aplicativo, para alguma pergunta ou participação, deixando a palestra muito mais interativa. A proximidade com os membros do time se evidenciou ainda mais a partir de aproximadamente uma hora de apresentação, em que a palestrante propôs uma dinâmica participativa para demonstrar alguns pilares que regem a audiodescrição, tais como: relevância, clareza, composição imagética e suporte visual para traduzir elementos subjetivos. A dinâmica, então, consistiu na apresentação de uma imagem e duas versões diferentes de audiodescrição, para que os participantes escolhessem a versão mais "imagética", justificando as decisões a partir do que havia sido apresentado conceitualmente. As falas e escolhas foram muito acertivas e bastante coerentes com o que havia sido projetado e exemplificado pela fala da palestrante.

A próxima dinâmica proposta foi reduzir uma audiodescrição bastante extensa que foi projetada na tela, com o objetivo fictício de ser publicada em uma rede social ou em um chat de bate-papo, cuja comunicação deve ser mais direta e instantânea. Demorou um pouco para chegarem num consenso e o grupo precisou de intervenções da palestrante para organizar, com questionamentos, os pontos principais que deveriam ser selecionados, de acordo com elementos descritivos e relevância a partir do suporte visual ali presente na figura.

Uma terceira dinâmica foi solicitar para que, cada membro, fechasse sua câmera, e descrevesse um objeto que estivesse perto de si, para que o outro identificasse do que se tratava. Apareceram os Headset, headphone e fone de ouvido, fazendo-nos descobrir que essas denominações para o acessório de ouvir não são sinônimos e os detalhes que os diferenciam apareceram pela audiodescrição. O headset vem com um microfone embutido enquanto o headphone não. E os fones de ouvido cada vez mais têm sido associados aos modelos auriculares ou intra-auriculares.

Uma curiosidade, manifestada pela maioria dos participantes, foi sobre de que maneira uma pessoa cega teria acesso a uma audiodescrição escrita e veiculada em uma rede social, em um site ou nos chats dos aplicativos de conversação? Para isso, desviou-se um pouco da proposta inicial, para compartilhar tais experiências, demonstrando, na prática, como pessoas

cegas se apropriam da leitura a partir do uso dos leitores de tela para computadores e celulares. Foi demonstrada a navegação na página inicial do site corporativo do produto desenvolvido pelo time, passando pelas redes sociais Facebook e Instagram, provocando surpresa e espanto entre os presentes, sobretudo pela variedade de vozes, timbres e velocidades no ato da leitura.

Por fim, foram apresentadas oito imagens referentes aos símbolos, ícones, logomarca e divulgações da marca ali representada por todos do time de tecnologia. As audiodescrições estavam prontas e foram lidas e comentadas, uma a uma. Alguns participantes arriscaram criar suas próprias versões de audiodescrição das mesmas imagens, priorizando alguns detalhes e descartando outros. Esse espaço final foi bastante dialogado e intenso de participações empolgadas e ávidas pela oportunidade de, a partir dali, produzirem suas próprias audiodescrições nos espaços de pertencimento dentro e fora da empresa. A palestra formativa foi finalizada com 3 horas de duração.

Por isso é importante destacar que a pesquisa-ação é um processo social, no sentido em que reconhece que a individualização e a socialização são processos interdependentes. Como método de pesquisa, o processo de investigação ação pode ser empregado no desenvolvimento comunitário ou educacional, buscando entender, individual e coletivamente, como nos formamos e nos reformamos como pessoas, na relação com o outro. Nesse processo, cada indivíduo, em um grupo, tenta identificar como seu conhecimento forma seu senso de identidade e atuação, e a partir daí, como esse conhecimento atual, modula e limita sua ação. A investigação ação é participativa, no sentido de que aplicamos a investigação ação a nós mesmos.

Com o objetivo de satisfazer a urgência de se implementar os elementos descritivos nas atividades dialogadas com as imagens no ambiente remoto, propôs-se uma palestra intitulada "A Audiodescrição e a Tecnologia: acessibilizando as relações no contexto ágil", que teve duração de aproximadamente três horas. A palestra aconteceu em 05 de janeiro de 2022 dentro do projeto "quarta da especialidade", uma agenda recorrente para o time, em que atividades formativas são apresentadas pelos próprios membros. Sendo a desenvolvedora cega também consultora em audiodescrição, ela mesma tratou de organizar esse evento que contou com dinâmicas, apresentação expositiva e dialogada a partir de um aplicativo de videoconferência interno da empresa.

#### **4. Considerações Finais**

O que vem sendo defendido nesse relato é que uma ação formativa não se dá somente no espaço escolar. Sabendo-se que a presença de uma pessoa com deficiência visual transforma as relações em uma equipe, este relato apresentou uma proposta de palestra intitulada "A Audiodescrição e a Tecnologia: acessibilizando as relações no contexto ágil", que teve duração de aproximadamente três horas e foi ministrada remotamente no ambiente corporativo de uma instituição financeira, por uma palestrante com deficiência visual, consultora em audiodescrição e também membro desta mesma equipe de desenvolvedores de software.

Observou-se o engajamento de todos os 13 participantes, durante as dinâmicas da palestra e, posteriormente a prática ativa na descrição das imagens veiculadas no chat de bate-papo do aplicativo usado pelos membros do time para exercerem o trabalho colaborativo dentro da perspectiva da agilidade. Assim, hoje cada imagem publicada é seguida de uma audiodescrição, colaborando e contribuindo para mitigar a barreira à comunicação e aumentando a qualidade nas entregas do time de um produto que, de fato, tenha valor agregado para o cliente.

Nas reuniões síncronas a prática da audiodescrição também se tornou constante para demonstrar slides, gráficos com indicadores, atribuição de tarefas para cada membro, apontamento de atividades e exposição das entregas em cada uma das etapas. A presença de palestrantes externos a equipe também passou a ser acompanhada pelo time, incentivando esses novos

membros a praticarem a acessibilidade comunicativa dentro e fora das reuniões.

Os relatos dos participantes revelam que o conhecimento sobre audiodescrição agregou uma nova perspectiva de olhares, que eles passaram a praticar remotamente, nas relações com a equipe, e fora dela, em seus trabalhos como desenvolvedores, pensando que a acessibilidade no produto final agrega valor afetivo e satisfação. A acessibilidade comunicacional precisa ser levada em consideração nas relações estabelecidas dentro do time, mas também agregando valor a um produto de mercado desenvolvido por pessoas mais conscientes sobre o que é a audiodescrição e o impacto disso para toda sociedade.

### Referências

BRASIL, 2009. **Decreto nº 6.949 de 25 de agosto de 2009** – Promulga a Convenção Internacional sobre os Direitos das Pessoas com Deficiência e seu Protocolo Facultativo, assinados em Nova York em 30 de março de 2007. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2007-2010/2009/decreto/d6949.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2009/decreto/d6949.htm). Acesso em: 28 set. 2022.

BRASIL. (2015) **Lei nº 13.146**. Institui a Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência (Estatuto da Pessoa com Deficiência). Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2015-2018/2015/Lei/L13146.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2015/Lei/L13146.htm). Acesso em: 08 set. 2022.

CORDE, 2006 – **Coordenadoria Nacional para Integração da Pessoa Portadora de Deficiência**. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/decreto/1990-1994/D98822imprensa.htm#:~:text=1%C2%B0%20A%20Coordenadoria%20Nacional,subordinado%20%C3%A0%20Presid%C3%A2ncia%20da%20Rep%C3%ABlica](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto/1990-1994/D98822imprensa.htm#:~:text=1%C2%B0%20A%20Coordenadoria%20Nacional,subordinado%20%C3%A0%20Presid%C3%A2ncia%20da%20Rep%C3%ABlica). Acesso em: 27 set. 2022.

LIMA, F. J.; LIMA, R. A. F.; SILVA, J. A. A Preeminência da Visão: crença, filosofia, ciência e o cego. **Arquivos Brasileiros de Psicologia Aplicada**, Rio de Janeiro, v. 52, n. 10, p. 51-61, 2000.

LIMA, F. J. **O Que é a Áudio-Descrição e Quem a Utiliza**. Revista Brasileira de Tradução Visual (RBTV) 2010. Disponível em: <http://www.rbtv.associadosdainclusao.com.br/index.php/principal/announcement/view/41>. Acesso em: 08 set. 2022.

MOTTA, Lívia Maria Villella de Mello. **A audiodescrição na escola: abrindo caminhos para leitura de mundo**. 2016. Disponível em: <http://www.vercompalavras.com.br/pdf/a-audiodescricao-na-escola.pdf> Acesso em: 08 set. 2022.

MIANES, Felipe Leão. **Audiodescrição como ferramenta pedagógica de ensino e aprendizagem**. 2016. Disponível em: [http://www.anpedsul2016.ufpr.br/portal/wp-content/uploads/2015/11/EIXO6\\_FELIPE-LE%C3%83O-MIANES.pdf](http://www.anpedsul2016.ufpr.br/portal/wp-content/uploads/2015/11/EIXO6_FELIPE-LE%C3%83O-MIANES.pdf). Acesso em: 08 set. 2022.

JACKOBSON, R. **Linguística e Comunicação**. Ed. 19, São Paulo. Cultrix. 2007

MACHADO, Bell. **Ponto de cultura cinema em palavras: a filosofia no projeto de inclusão social e digital**. In: MOTTA, Lívia Maria Villella de Melo; ROMEU FILHO, Paulo. (Orgs.). Audiodescrição: transformando imagens em palavras. São Paulo: Secretaria dos Direitos da Pessoa com Deficiência do Estado de São Paulo, 2010. MIANES, F. L. **Audiodescrição como ferramenta pedagógica de ensino e aprendizagem**. ANAIS. XI Reunião da ANPED SUL – Reunião científica regional da ANPED. Curitiba: Paraná, 2016.

MOTTA, Lívia Maria Villella de Mello; ROMEU FILHO, Paulo (org). **Audiodescrição - transformando imagens em Palavras**. São Paulo: Secretaria dos Direitos das Pessoas com Deficiência do Estado de São Paulo. 2010.

MOTTA, Lívia Maria Villella de Melo. **Audiodescrição na escola: abrindo caminhos para leitura de mundo**. Campinas, SP: Pontes Editores, 2016.

SANT'ANNA, Laercio. **A importância da audiodescrição na comunicação das pessoas com deficiência**. In: MOTTA, Lívia Maria Villella de Melo; ROMEU FILHO, Paulo. (Orgs.). Audiodescrição: transformando imagens em palavras. São Paulo: Secretaria dos Direitos da Pessoa com Deficiência do Estado de São Paulo, 2010.

THIOLLENT, M. (2005). **Metodologia da pesquisa-ação**. 14ª ed., São Paulo: Cortez.

THIOLLENT, M. **Metodologia da pesquisa-ação**. São Paulo: Cortez & Autores Associados, 1988.

TRIPP, David. **Pesquisa-ação: uma introdução metodológica**. Educação e Pesquisa, São Paulo, v. 31, n. 3, p. 443-466, set./dez. 2005.

ONU, 2006. **Convenção sobre os Direitos das Pessoas com Deficiência**. 29 de agosto de 2006. Brasília: 2006.

VYGOTSKY, Lev Semionovitch. **Fundamentos da defectologia**. Havana: Pueblo y Education, 1997. (Obras completas, tomo 5).

VYGOTSKY, Lev Semionovitch. **A defectologia e o estudo do desenvolvimento e da educação da criança anormal**. Educação e Pesquisa, São Paulo, vol. 37. 2011.